

EM CONCERTO

por MARCUS VERAS



Marcelo Jardim com a Orquestra da UFRJ

Sucesso da Wasbe Rio abre portas para 2029

Realizada pela primeira vez no Brasil, a Wasbe Rio 2026 (Associação Mundial de Bandas Sinfônicas e Conjuntos de Sopro) publicou os números que comprovam seu sucesso. O evento reuniu cerca de 3.300 músicos, entre bandas, orquestras, grupos e duos. Músicos que vieram de 20 estados brasileiros e 32 países. Cento e vinte oficinas ministradas. O público teve acesso a 60 concertos, gratui-

tos ou com preços populares no Theatro Municipal e Sala Cecília Meireles entre outros espaços. German David Tovar (Colômbia), venceu o concurso de regência, e os estadunidenses Wes Coffin e Ian Schwalbe e o chinês Jui-Yng Huang foram os vencedores do de composição. O maestro Marcelo Jardim, Diretor Executivo do Comitê Organizador Local, já pensa no futuro: 2029 está logo ali...

Viva nossa música!

A Academia Brasileira de Música anuncia o Ano da Música Brasileira 2027, para celebrar a diversidade e a riqueza da nossa criação musical. Com realização prevista em diferentes regiões do país, a iniciativa reunirá concertos com artistas brasileiros e internacionais, cursos para jovens solistas e coros, palestras com artistas brasileiros do Brasil e do exterior. Além disso, está prevista a série de concertos didáticos “Brasilianinhas”, que integram música, palavra e dramaturgia de forma acessível, e a homenagem a 14 dos nossos mais importantes compositores.

Eu recomendo

O relançamento do filme “A Professora de Piano” (vencedor do Grand Prix de Cannes 2001) com Isabelle Hubert numa interpretação que lhe valeu o prêmio de melhor atriz naquele festival. Um intenso drama psicológico ao som de Schubert e Rachmaninoff.

Música barroca

A Orquestra Barroca da União Rio apresenta neste sábado (29), às 17h, no Centro Cultural da Justiça Federal (CCJF), um programa com obras de Telemann, Kohaut, Dornel e Vivaldi. Ótima pedida para ouvir cordas, baixo contínuo e flautas doces. Ingressos a R\$ 40.

Flautas domingueiras

A Orquestra Carioca de Flautas se apresenta neste domingo (30), às 11h, na Cidade das Artes Bibi Ferreira (Av. das Américas 5.300). No programa, obras de Alberto Nepomuceno, Áurea Regina Coelho, Pixinguinha, Luiz Carlos da Vila, entre outros compositores. Participação especial Nathaly Joyce e Thayssa Helen (voz). Ingressos a partir de R\$ 20.



Igor Siqueira/Divulgação



Filho de um casal de pianistas, Tomás tornou-se um dos mais inventivos instrumentistas

Morre **Tomás Imbrota**, aos 77

Talento da música instrumental tocou com grandes nomes da MPB e lançou dez discos. Se fez conhecido por integrar A Outra Banda da Terra, que acompanhava Caetano Veloso

AFFONSO NUNES

Aos cinco anos, sem nunca ter tocado uma lição formal, Tomás Imbrota França sentou ao piano e venceu o Concurso de Iniciação Musical do Conservatório Brasileiro de Música. Era o primeiro sinal de uma musicalidade latente herdada do pai, o pianista e crítico Eurico Nogueira França, e da mãe, a pianista erudita Ivy Imbrota. Nascido no Rio em 24 de setembro de 1948, Tomás completaria 78 anos no próximo mês. Morreu neste domingo (23), aos 77, depois de enfrentar um câncer na garganta.

Tomás cresceu entre partituras e discos. Na década de 1960, a sofisticação harmônica do jazz e a bossa seduziram o rapaz que ainda era pianista amador. Formou-se com professores do calibre de Francisco Mignone e Marlos Nobre, em composição, e Tenório Junior, no piano popular. A partir de 1970, acompanhou em palcos e estúdios uma lista que parece um índice da MPB: Gal Costa, Maria Bethânia, Gilberto Gil, Chico Buarque, Djava, Zezé Motta, Nara Leão, Baden Powell, Elizeth Cardoso, Elba Ramalho...

Foi com Caetano Veloso, porém, que a parceria foi mais intensa. No fim de 1977, Caetano montou A Outra Banda da Terra — com Tomás nos teclados, Arnaldo Brandão no baixo e Vinícius Cantuária

“Seu piano totalmente solto, mas misteriosamente ligado com o que me vinha à cabeça em cada momento de show, era a música em seu brilho espontâneo”

CAETANO VELOSO

na bateria. Esta formação esteve por trás de discos fundamentais da obra caetanica como “Muito” (1978), “Cinema Transcendental” (1979), “Outras Palavras” (1981), “Cores, Nomes” (1982) e “Uns” (1983). O piano de Tomás ali era algo difícil de nomear — solto, errante, mas perfeitamente costurado às canções. “Seu piano totalmente solto mas misteriosamente ligado com o que me vinha à cabeça em cada momento de show, no tempo da Outra Banda da Terra, era a música em seu brilho espontâneo”, disse Caetano em suas redes ao comentar a perda do amigo.

Em 1980, o Jornal da Música o apontou como o melhor tecladista do país. Seu grupo instrumental Mandengo figurou entre os melhores do ano. Tocou no prestigiado Festival de Jazz de Montreux, na Suíça, por duas vezes, assinou a trilha premiada do filme “Bar Esperança” e participou dos shows “Doces Bárbaros” e “Bahia de Todos os Samba”, este realizado em Roma.

Mas havia em Tomás um impulso pedagógico tão forte quanto o musical. Em 1986, fundou no

bairro de Botafogo a Escola de Música Cenário, por onde passaram gerações de alunos. Escreveu mais de dez livros didáticos, entre eles o “Curso de Harmonia Popular” (1998) e “Aprendendo a ler música”, pela Irmãos Vitale. Manteve coluna mensal na revista BackStage e produziu programas de jazz para as rádios MEC e Roquete Pinto.

Nos anos 1990, voltou-se quase integralmente para a carreira solo. A discografia instrumental que construiu é das mais refinadas do gênero no Brasil: “Tear” (1992); “Bartok Jazz” (1995), com releituras jazzísticas da obra do compositor russo; “Certas Mulheres” (1998); “Derival” (2003) — em que recriou Caymmi com sua classe —; o disco em duo com a flautista Andrea Ernest Dias (2008); “A volta de Alice” (2015), com Raul de Souza e Marcelo Martins; e “Olha pro Céu” (2017), seu décimo e derradeiro trabalho solo.

Nas redes, instrumentistas como Kiko Continentino e Dirceu Leite e muitos prestaram homenagens. “Músico da maior importância para a música brasileira”, definiu Dirceu.